

COFACE PUBLICAÇÕES ECONÔMICAS

MAIO 2022

PESQUISA DE PAGAMENTO



Por **Bernard Aw**, economista para Ásia-Pacífico e **Eve Barré**, economista associada para Ásia-Pacífico

Pesquisa de pagamento China 2022: Demoras de pagamento mais longas e riscos de crédito mais elevados em alguns setores

A pesquisa de pagamento 2022 do corporativo Coface na China, em que participaram 1000 empresas, mostrou que menos empresas tiveram demoras de pagamento em 2021, mas somente aquelas que reportaram períodos mais longos do vencimento dos pagamentos no ano anterior. A demora média subiu de 79 dias em 2020 a 86 em 2021. Em 9 de 13 setores, as companhias reportaram aumento de atrasos, principalmente no setor agroalimentar, com uma ampliação de 43 dias, seguido dos setores madeireiro, transporte e têxtil. A razão principal dos retardos dos pagamentos foram as dificuldades financeiras dos clientes, causadas pelas pressões das margens (pela concorrência), os elevados preços das commodities e a desaceleração do crescimento econômico interno.

As empresas com retardo de pagamentos também experimentaram, mais vencimentos destes (36%-42% em 2021), a maioria delas estando orientadas ao mercado doméstico. Nestes casos as causas das demoras foram vinculadas à reprimida situação econômica do país e à restringida liquidez dos seus clientes.

Além disso, mais quantidade de empresas reportaram períodos ultralongos de mora (ULPD, em inglês) de mais de seis meses, que se elevaram de 15% a 19% em 2021. O mais preocupante foi o acréscimo dos ULPD nas empresas, excedendo 10% de sua faturação anual (de 27% em 2020 a 40% em 2021).

A experiência da Coface demonstra que 80% dos ULPD ficam inadimplentes, o que se traduz em um risco para o fluxo de caixa quando o ULPD representa uma parte importante da faturação anual. Neste caso o exemplo mais representativo é o setor da construção (56% das empresas com ULPD excedem 10% de sua faturação, ao mesmo tempo que o mercado imobiliário decresce). O setor agroalimentar ficou na segunda posição (de 20% em 2020 a 47%).

Na China, os prazos gerais de crédito ficaram estáveis (77 dias) em 2021, mas há uma variação entre diferentes setores. Os setores agroalimentar e energético reportaram a contração mais dura (ambos recortaram suas condições de pagamento para 23 dias), o que se refletiu numa alta dos riscos de crédito pelos elevados preços das commodities. A pandemia atual e as rígidas condições de fornecimentos mantiveram as empresas cuidadosas no gerenciamento de crédito.

Uma vez que o crescimento econômico da China está projetado para diminuir em 2022, o número de entrevistados que estimaram o aumento das vendas e do fluxo de caixa foi menor.

As companhias destacaram macro riscos como aumento dos preços das commodities, fraqueza na demanda do mercado nacional e a continuidade da pandemia.

A pesquisa foi realizada de novembro de 2021 a janeiro de 2022.

TODAS AS PUBLICAÇÕES ECONÔMICAS DA COFACE ESTÃO DISPONÍVEIS EM:
<https://www.coface.com/News-Publications/Publications>

coface
FOR TRADE



BERNARD AW
Economista,
Ásia Pacífico



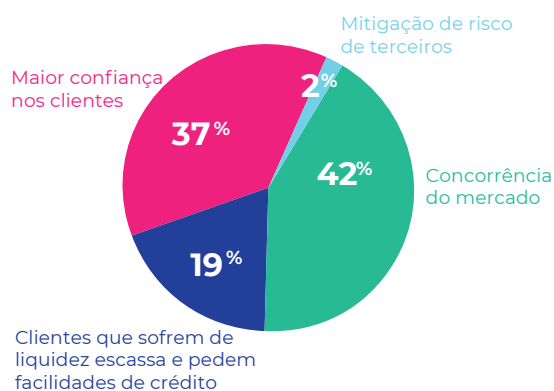
EVE BARRÉ
Economista associada,
Ásia Pacífico

CONDIÇÕES DE PAGAMENTO: CONDIÇÕES DE CRÉDITO ESTAVEIS, MAS GRANDES VARIAÇÕES ENTRE OS SETORES

• Dois terços dos entrevistados ofereceram condições de pagamento em 2021, uma quantidade que permanece estável desde o ano anterior (66.6% vs. 67.4% em 2020). A principal razão continuou sendo a concorrência do mercado, mesmo que em uma extensão ligeiramente menor (42% dos entrevistados mencionaram isto, de 45% em 2020) (Gráfico 1). A segunda causa para oferecer condições de crédito foi a maior confiança dos seus clientes (37% vs. 31% em 2020). Em quanto uma parte o fez devido a rígida liquidez dos clientes (19% vs. 18% em 2020).

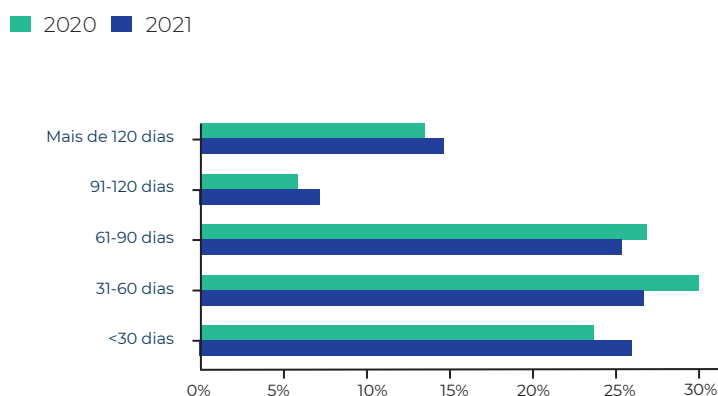
• As condições de crédito ficaram rígidas em 2021 após da recuperação da economia chinesa, já que as empresas permaneceram cuidadosas por conta da pandemia. A crescente interrupção da cadeia de suprimento também contribuiu com as inseguridades empresariais. Uma vez que os pagamentos se reduziram em nove dias em 2020, as condições de pagamento médias ficaram em 77 dias em 2021, sem cambio nenhum. Porém a distribuição desviou ligeiramente a ambos extremos do espectro. A porcentagem de empresas que ofereceram condições menores de 30 dias aumentou de 24% a 26%, embora as que ofereceram mais de 90 dias acrescentaram de 19% no ano prévio a 22% (Gráfico 2), indicando variação entre os setores.

Gráfico 1:
Razão para oferecer vendas a crédito



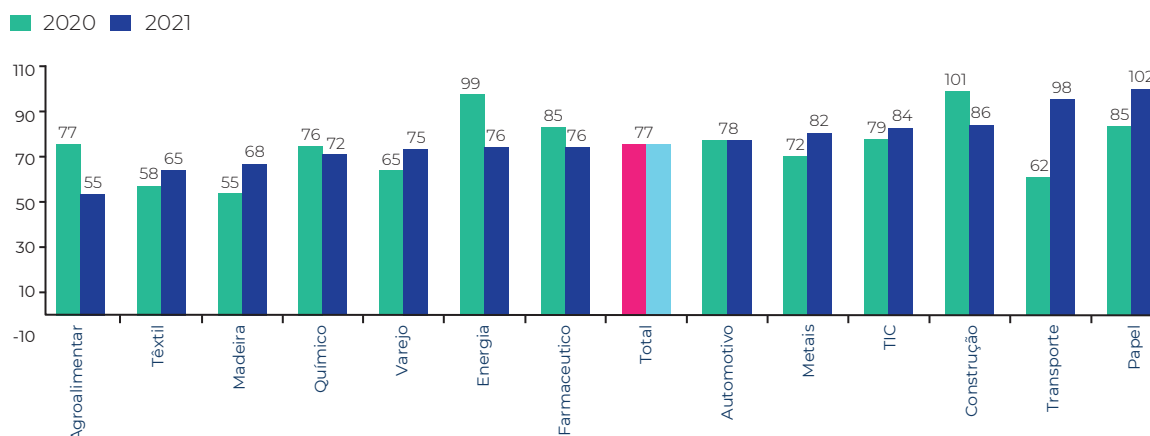
Fonte: Coface Payment Survey

Gráfico 2:
Condições de crédito médias em dias



Fonte: Coface Payment Survey

Gráfico 3:
Condições de crédito médias entre sectores
em dias



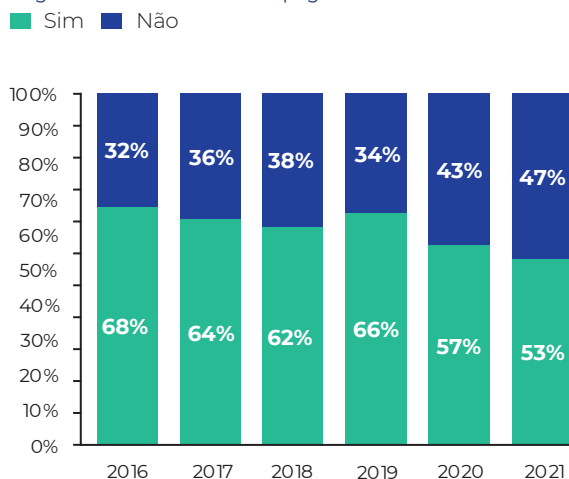
Fonte: Coface Payment Survey

• Alguns sectores diminuíram suas condições de crédito, sendo as maiores diminuições as observadas nos sectores agroalimentar e energético (-23 dias cada um), o que reflete maiores riscos de crédito ligados aos elevados preços das commodities. Os preços dos alimentos aumentaram 28% em 2021, embora os preços dos energéticos dobraram. A **construção** e a **farmacêutica** também registraram um decréscimo nos prazos de crédito de 15 e 9 dias, respectivamente. Por outro lado, os sectores que sofreram os confinamentos mais estritos em 2020, incrementaram suas condições de crédito no último ano como: **transporte** (+35 dias), **varejo** (+10) e **têxtil** (+7). As empresas do sector do papel também alongaram suas condições de crédito gerais, de 17 a 102 dias. Porém, este sector foi o mais generoso em termos de prazo de crédito médio (Gráfico 3).

• Por outro lado, o **agroalimentar** ofereceu o prazo mais curto para o pagamento dos créditos (55 dias). A maioria dos entrevistados do sector só deram 30 dias. Apesar do alongamento dos prazos em 2021, os sectores do têxtil, da madeira e do varejo ficaram por baixo da média de 77 dias (65, 68 e 75 dias, respectivamente).

2 DEMORA DE PAGAMENTOS: MENOS EMPRESAS AFETADAS, EXTENSÃO DA DEMORA MÉDIA

Gráfico 4:
Pagamentos vencidos e não pagos no último ano

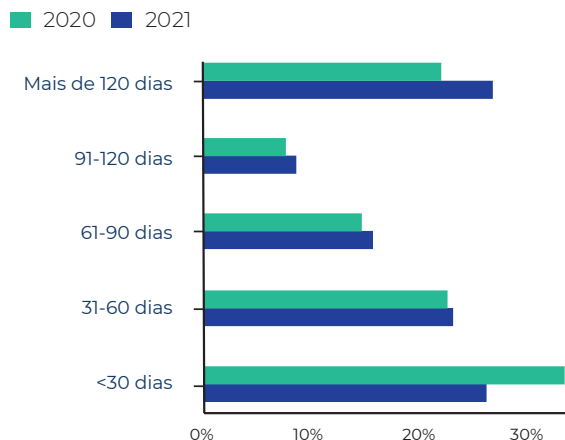


• A pesquisa da Coface sugere que **menos empresas experimentaram demora nos pagamentos em 2021**. Os entrevistados indicaram que os pagamentos vencidos decresceram de 57% em 2020 a 53%, a percentagem mais pequena nos últimos cinco anos (Gráfico 4). Mesmo que o panorama seja encorajador, os detalhamentos de algumas empresas que experimentaram demoras, mostram que a realidade não é tão boa como se espera.

Fonte: Coface Payment Survey

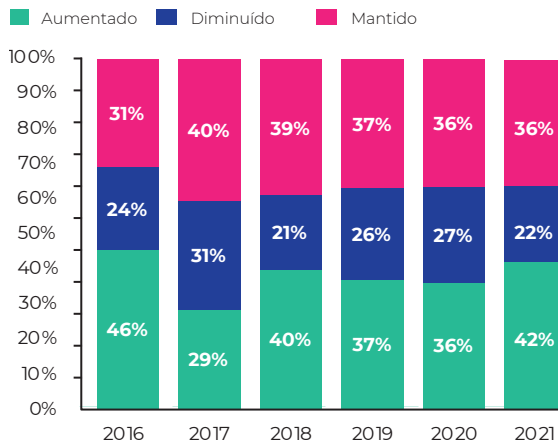


Gráfico 5:
Média de dias de atraso



Fonte: Coface Payment Survey

Gráfico 6:
Evolução da demora de pagamentos



Fonte: Coface Payment Survey

• Depois de ter uma queda significativa de 79 dias em 2020, a **demora em pagamentos atingiu 86 dias em 2021**, perto de sua média em 5 anos (87 dias). O incremento foi causado pelas demoras de pagamento em quase todos os períodos de tempo que os entrevistados reportaram, especialmente aqueles que ofereceram mais de 120 dias (27% vs. 22%). Em contraste, houve uma baixa na demora que não excedeu os 30 dias (Gráfico 5).

• Além disso, houve um crescimento da proporção de entrevistados que reportaram o aumento na demora de pagamento, de 36% em 2020 a 42% em 2021, o maior desde 2016 (Gráfico 6). Sobretudo este foi o caso das empresas maiormente dependentes do mercado doméstico para suas vendas (86%); sendo as principais causas a fraca situação econômica local pela pandemia e as rígidas condições de liquidez dos clientes.

Gráfico 7:
Média da demora dos pagamentos por setor em dias



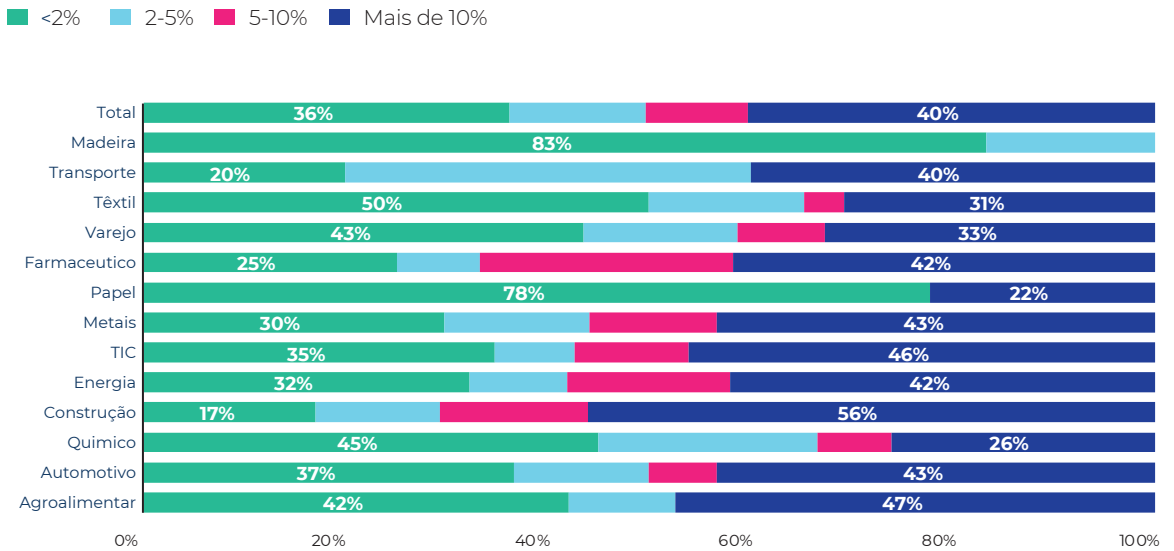
Fonte: Coface Payment Survey

• O fato mais preocupante, foi o **incremento notável dos entrevistados que experimentaram prazos ultralongos de pagamento (ULPD, em inglês) que excedem 2% da faturação anual**. Esta proporção se expandiu de 47% em 2020 a 64% em 2021, 17 pontos percentuais acima (pp), seguido de um decréscimo de 5 pp.

Segundo à experiência da Coface, 80% dos ULPD jamais são pagos. Quando estes são mais do 2% da faturação anual, o fluxo de caixa de uma empresa pode ficar em risco. Esta tendência foi causada pelo incremento das companhias com ULDP por cima de 10% da faturação anual (de 27% em 2020 a 40% em 2021).

• O **setor agroalimentar reportou a alça mais grande da demora (43 dias), atingindo em total 88 dias, conjunto com o endurecimento das opções de crédito tal como no setor da energia**. Esta mudança não só posicionou o sector por cima da média (86 dias), mas também foi contrastante para os resultados obtidos da pesquisa em 2022, na qual o setor agroalimentar experimentou a demora de pagamento mais curta. As tendências de subida foram registradas nos setores da **madeira (+20 dias)**, do **transporte (+18 dias)** e **têxtil (+16 dias)**. Os **químicos e os metais** também relataram o alongamento da demora, de 11 dias em 2021 a 80 e 90 dias, respectivamente. Isso num contexto de significativos aumentos nos preços globais da energia e dos metais e as políticas de prioridade nacional

Gráfico 8:
Razão de demora ultralonga de pagamentos em porcentagem da faturação



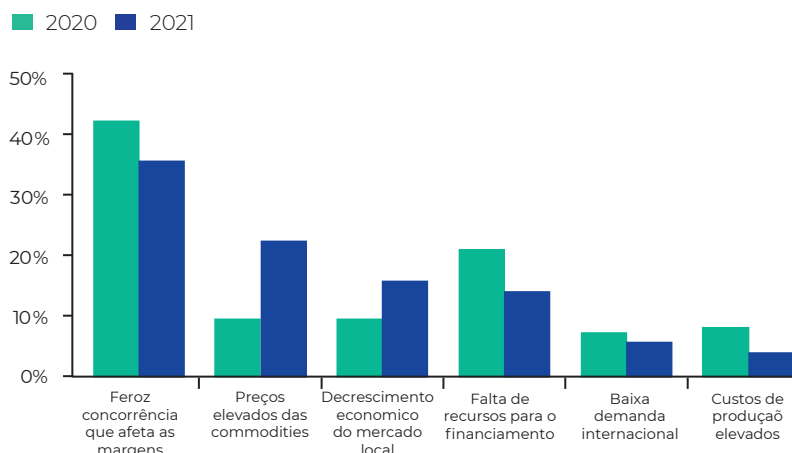
Fonte: Coface Payment Survey

• O setor da construção continuou experimentando a demora de pagamento mais longa, com 109 dias, seguido pelo setor de transporte com 99 dias (Gráfico 7). Além disso, a construção seguiu sendo o setor com mais entrevistados (56%) que reportaram UDPL por cima de 10% da sua faturação anual, embora por baixo do 67% em 2020 (Gráfico 8).

Outro sinal da deterioração das condições de crédito no setor agroalimentar foi que 47% das empresas deste reportaram ULPD por cima de 10% do faturamento anual, comparado com 20% em 2020. Entretanto, a saúde financeira da indústria farmacêutica teve uma deterioração em 2021. Ainda, a proporção de empresas na indústria farmacêutica com ULPD por cima de 10% do faturamento anual subiu de zero a 42%. Para explicar a extensão da demora, os entrevistados frequentemente destacaram o mau entorno do mercado, a situação financeira enfraquecida em geral (causada pela pandemia) e as apertadas condições financeiras dos seus clientes.

• A razão principal das demoras continua sendo a dificuldade financeira dos clientes, exaltada por três quartas partes dos entrevistados. As dificuldades financeiras foram o resultado da feroz concorrência que afetou as margens (36%), mas também, sobretudo em 2021, a desaceleração do crescimento do mercado local (16% v. 10% em 2020). O constrangimento da cadeia de suprimentos, junto com o desequilíbrio entre a oferta e a demanda, causou que os preços de entrada fossem muito mais elevados em 2021, o que incrementou a pressão financeira nas empresas. Outras razões são a falta de recursos para o financiamento, a baixa demanda internacional e o aumento dos custos de produção (Gráfico 9).

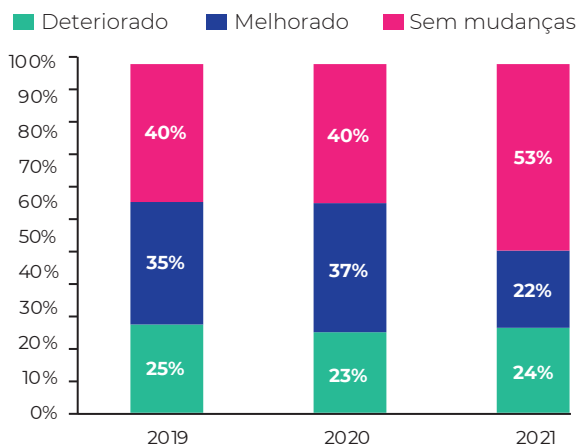
Gráfico 9:
Causas das dificuldades financeiras dos clientes



Fonte: Coface Payment Survey

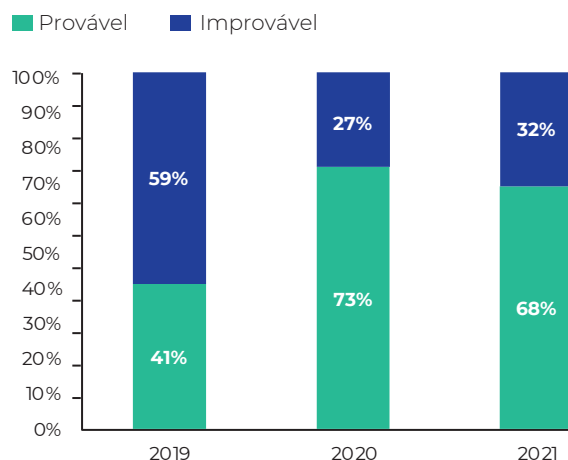
3 EXPECTATIVAS ECONÔMICAS: ALENTADOR, MAS OS RISCOS SIGNIFICATIVOS PARA O CRESCIMENTO AINDA CONTINUAM

Gráfico 10:
Evolução do fluxo de caixa durante o ano anterior



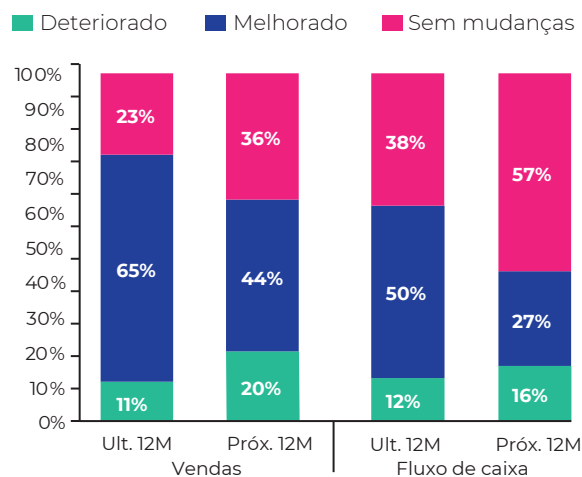
Fonte: Coface Payment Survey

Gráfico 11:
O crescimento econômico aumentará no próximo ano



Fonte: Coface Payment Survey

Gráfico 8:
Expectativas econômicas



Fonte: Coface Payment Survey

• As condições dos fluxos de caixa se estabilizaram em 2021, somente a metade das empresas (53%) indicaram que os seus fluxos não tiveram mudanças no ano anterior (40% em 2020) (Gráfico 10), porém, o número de entrevistados que mencionou ter sofrido a deterioração dos fluxos de caixa foi quase o mesmo do ano prévio (24% em 2021 vs. 23%). Da mesma forma, as empresas indicaram que o descenso das vendas continuou quase igual (30% em 2021 vs. 31%), embora uma porcentagem mais grande reportou um desempenho de vendas estável em 2021.

• A maioria dos entrevistados estão positivos sobre os prospectos econômicos do próximo ano, a pesar de que o otimismo tinha baixado de 73%, no ano anterior, a 68% (Gráfico 11). Coface prevê que o crescimento do PIB em China baixe em 4.8%, depois de 8.1% em 2021. A economia chinesa continua enfrentando contratempos para o desenvolvimento, como: a recessão do setor imobiliário, a política zero-COVID, a recuperação subjugada do consumo e preços ainda mais elevados das commodities.

• As projeções de vendas e fluxos de caixa foram menos otimistas, devido ao pontiagudo momentum de recuperação agora que as empresas começam a transitar as condições pre-pandêmicas. A porcentagem dos entrevistados que anteciparam uma melhora nas vendas do ano seguinte diminuiu de 65% a 44% em 2021, embora a proporção de aqueles que previam o melhoramento do fluxo de caixa caiu de 50% em 2020 a 27% em 2021 (Gráfico 12). Os fatores principalmente remarcados pelos entrevistados que esperam um desempenho mais fraco nas vendas são: os elevados custos das commodities, a demanda enfraquecida no mercado e a pandemia em curso.

• As empresas esperam que em 2022 as vendas sejam deterioradas sobretudo na indústria do papel (31%), seguida da construção (30%) e da têxtil (24%). Entretanto, os entrevistados na indústria da construção foram a porcentagem mais elevada que antecipa a deterioração do fluxo de caixa em 2022, seguido da madeira (24%) e do papel (23%). A evidencia anedótica dos entrevistados no setor da construção mostrou que as dificuldades financeiras e o abrandamento das condições no mercado foram as principais causas das projeções enfraquecidas das vendas e do fluxo de caixa em 2022.

QUADRO:

AS CADEIAS DE SUPRIMENTOS PODERIAM PERMANECER LIMITADAS

Depois das tensões comerciais entre os EUA e a China durante 2018-2019, as cadeias de suprimento foram restringidas ainda mais pela pandemia de COVID-19 em 2020-21. Portanto, a cadeia de suprimentos chegou ao patamar mais intenso de pressões desde há duas décadas, segundo o índice da Reserva Federal de Nova Iorque; superando o de abril em 2011, quando a combinação do terremoto Tōhoku em Japão, o tsunami e as inundações no sul de Tailândia interromperam a cadeia (Gráfico 13). Uma série de fatores contribuíram a interrupção da cadeia de suprimentos em 2021, incluindo as interrupções ao porto de operações na China, o bloqueio do Canal de Suez, forte demanda global de bens duráveis e escassez prolongada de semicondutores.

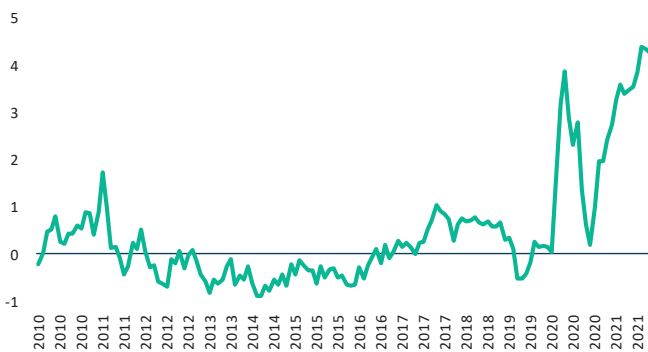
Os alívios para o arranque das restrições a mobilidade no mundo também retrasaram a recuperação do turismo internacional e de outros serviços de consumo. Isto, por sua vez, fez com que a demanda antecipada mudara a serviços, o que contribuiu a uma robusta e continua demanda de bens.

O Índice Global de Pressão da Cadeia de Abastecimento, elaborado pela Fed de Nova Iorque, toma em conta os custos do transporte mundial e os dados de manufatura do PMI sobre os tempos de entrega, atraso e inventários, com dados históricos desde 1997. Este índice se fortificou em abril de 2020, refletindo as medidas mundiais de contenção para a pandemia de COVID-19, depois de chegar num novo pico em dezembro de 2021. Ao início de 2022 o índice caiu de seu elevado histórico, uma baixa de sete meses em fevereiro de 2022, refletindo um alívio nas condições de suprimento mundial. Porém, esta tendência poderia se reverter nos seguintes meses pelos recentes desenvolvimentos. É esperado que os efeitos da crise Rússia-Ucrânia e as políticas zero-COVID da China provoquem um novo golpe nas cadeias de suprimentos, acrescentando as rígidas condições do suprimento mundial.

Já que a Rússia e a Ucrânia ficam numa importante posição no mercado global de energia e de alimentos, a crise é um risco significativo para o suprimento de certas commodities. A Rússia é o segundo produtor mais importante de gás e o terceiro maior de petróleo no mundo. Também é um importante produtor de metais estratégicos como o paládio, o níquel e o cobre. Estes metais são usados na indústria automotiva e aeronáutica, embora o cobre é um metal muito importante para o setor da construção. Ambos países são importantes exportadores de algumas commodities agrícolas, especialmente de azeites de girassol e cártamo (ambos produtos representam o 75% das exportações mundiais em 2019), trigo (29%), grão grosso (20%) e milho (19%). As sanções as commodities de origem russo, incluído o banimento do óleo bruto e de produtos refinados que os EUA, o Reino Unido, Canada, Austrália impuseram ao país, além da restrição as importações de ferro e aço russo que a UE impulsionou, aumentaram as preocupações da reduzida disponibilidade dos produtos mencionados, resultando numa alça de preços. As sanções financeiras aos bancos russos para acessar dólares poderiam afetar a circulação dos produtos agrícolas. As interrupções nas rotas de comércio aumentam as preocupações da alça de preços e atraso das entregas. Em resposta a decisão tomada por vários países (fechar seu espaço aéreo para Rússia), o Kremlin decidiu fechar o seu espaço aéreo para 36 aero linhas estrangeiras. Principalmente foram banidas aero linhas dos países membro da EU, o que deixou consequências nas conexões dos fretes aéreos entre a Ásia e a Europa. As sanções à Rússia afetaram as rotas ferroviárias que ligam a ambos continentes, pelo que os tempos de entrega poderiam alongar-se. O fim do conflito ainda é incerto, mas se a situação se prolongar os preços dos energéticos e das commodities também permanecerão elevados. Portanto, os custos de entrada e as taxas de transportação poderiam ficar no alto patamar atual.

Enquanto a China mudou sua estratégia zero-COVID a uma abordagem “dinâmica” para minimizar os impactos adversos na economia chinesa; porém, os efeitos negativos deixados pelas medidas de contenção ainda continuam. O confinamento em Shenzhen e Shanghai em março e abril impactaram as operações normais dos serviços de logística em terra e armazenamento a pesar de que as operações continuaram funcionando. Isso incrementou as pressões na cadeia de suprimentos durante março. Os tempos de entrega do índice PMI de fornecedores foi a mais baixa em dois anos, em março de 2022, o que piorou as demoras de entregas. Igualmente, o Índice de Prosperidade na Industrial logística experimentou sua maior queda desde fevereiro de 2020, já que o setor da logística foi afetado pela propagação da pandemia em muitas partes do país, onde as diferentes medidas de gerenciamento da pandemia interromperam a distribuição regional e o fluxo contínuo.

Gráfico 13:
Índice de pressão global da cadeia de fornecimento
Desvio padrão do valor médio



Fonte: The Federal Reserve of New York, Coface

Gráfico 14:
Preços das commodities
GSCI, 100 em jan.2020



Fonte: S&P, Datastream, Coface

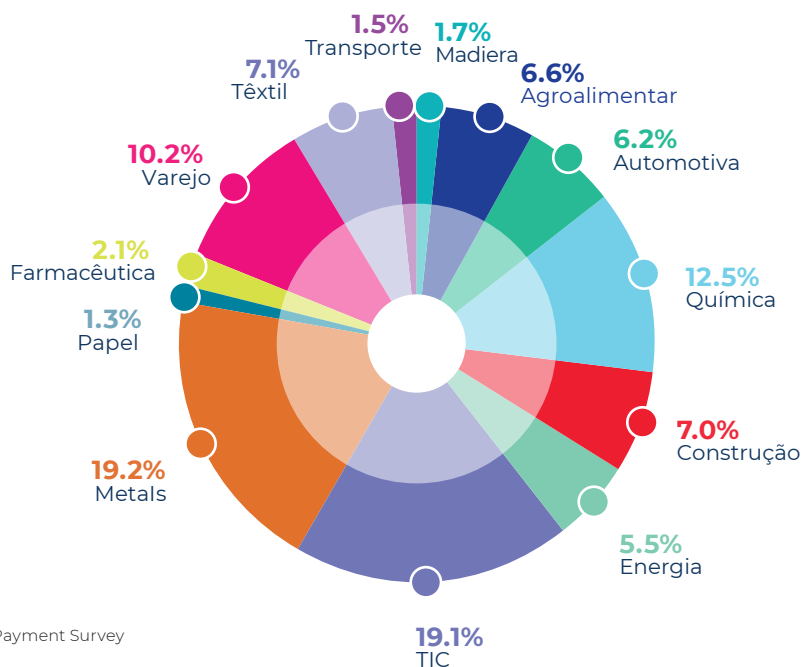


ANEXO



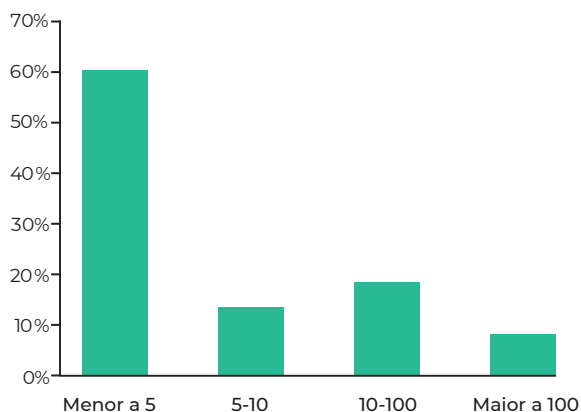
EM TOTAL PARTICIPARAM
1,000
EMPRESAS NA
PESQUISA DE PAGAMENTO

Qual das seguintes indústrias descreve melhor a sua empresa?



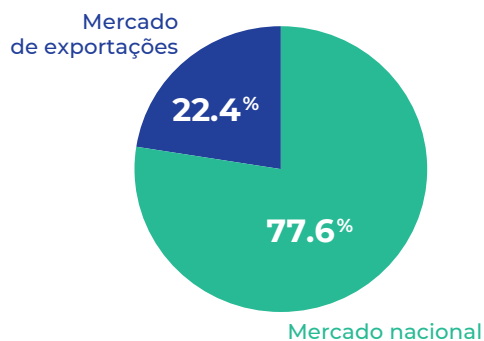
Fuente: Coface Payment Survey

Em 2021 o total de ingressos por vendas da sua empresa será (milhões de RMB)



Fuente: Coface Payment Survey

¿Cuál es su principal destino de ventas?



Fuente: Coface Payment Survey

GLOSSÁRIO



CONDIÇÕES DE PAGAMENTO

O tempo transcorrido entre a compra que um cliente faz de um produto ou um serviço, até a data em que o pagamento é efetuado

DEMORA DE PAGAMENTOS

O prazo entre a data de pagamento e a data em que o pagamento é efetuado

DISCLAIMER

Este documento reflete a opinião do Departamento de Pesquisa Econômica da Coface, a partir da data de sua elaboração e com base nas informações disponíveis; ele pode ser alterado a qualquer momento. As informações, análises e opiniões contidas neste documento foram compiladas a partir de múltiplas fontes consideradas confiáveis e respeitáveis; entretanto, a Coface não garante a exatidão, completude ou realidade dos dados contidos neste documento. As informações, análises e opiniões são fornecidas apenas para fins informativos e destinam-se a complementar as informações disponíveis para o leitor. A Coface publica este documento de boa fé e com base em uma obrigação de meios (entendidos como meios comerciais razoáveis) quanto à exatidão, integridade e realidade dos dados. A Coface não será responsável por quaisquer danos (diretos ou indiretos) ou perdas de qualquer tipo incorridos pelo leitor como resultado do uso das informações, análises e opiniões do leitor. Portanto, o leitor é o único responsável pelas decisões e consequências das decisões tomadas com base neste documento. Este documento e as análises e opiniões aqui expressas são de propriedade exclusiva da Coface; o leitor está autorizado a consultá-los ou reproduzi-los apenas para uso interno, desde que estejam claramente marcados com o nome "Coface", que este parágrafo seja reproduzido e que os dados não sejam alterados ou modificados. Qualquer uso, extração, reprodução para uso público ou comercial é proibido sem o consentimento prévio da Coface. O leitor é convidado a consultar os avisos legais no site da Coface:

<https://www.coface.com/Home/General-informations/Legal-Notice>.

COFACE SA

1, place Costes et Bellonte
92270 Bois-Colombes
France

www.coface.com

coface
FOR TRADE